



RELAÇÃO ENTRE AUTONOMIA E PRESENÇA DE DISTÚRBO DE VOZ EM PROFESSORES: PROPOSTA DE UM GRUPO FOCAL

Palavras-Chave: Fonoaudiologia, Distúrbios da Voz, Saúde do Trabalhador

Autoras:

Maria Antonia Silveira de Oliveira – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profa. Dra. Ana Carolina Constantini (orientadora) – Universidade Estadual de Campinas
Profa. Dra. Helenice Yemi Nakamura (coorientadora) – Universidade Estadual de Campinas
Profa. Dra. Léslie Piccolotto Ferreira (coorientadora) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

INTRODUÇÃO:

A voz se configura como instrumento de trabalho em muitos grupos profissionais, como no caso de cantores, clérigos, advogados, atores, apresentadores e professores, sendo estes considerados profissionais da voz (OLIVEIRA, 1999).

A volumosa carga de trabalho, somada à falta de orientações sobre o uso da voz e as condições do ambiente de trabalho colocam os professores como um dos grupos com alto risco para o desenvolvimento de desordens vocais (OLIVEIRA, 1999). É comum que essa categoria profissional apresente diversos problemas de saúde como ansiedade, perturbações do sono, depressão e problemas respiratórios, além das queixas vocais (GASPARINI; BARRETO; ASSUNÇÃO, 2005 e CRUZ; LEMOS, 2005).

O Distúrbio de Voz Relacionado ao Trabalho (DVRT), condição frequente entre profissionais da educação, é definido como:

“qualquer forma de desvio vocal relacionado à atividade profissional que diminua, comprometa ou impeça a atuação ou a comunicação do trabalhador, podendo ou não haver alteração orgânica da laringe”. (BRASIL, 2018, p. 11)

De origem multicausal, fatores isolados ou em conjunto como a demanda vocal excessiva, a presença de ruído no local de trabalho, a falta de hidratação e de momentos de pausa e a jornada de trabalho prolongada podem ocasionar ou agravar a alteração vocal do profissional (PRZYSIEZNY; PRZYSIEZNY, 2015).

O trabalhador acometido pelo DVRT pode apresentar diversos sintomas como rouquidão, dor ao falar, sensação de garganta seca, falhas e perdas na voz, variando de acordo com a gravidade do seu quadro clínico (CAPOROSSO; FERREIRA, 2011).

Mesmo com um grande número de estudos em que o professor é objeto de estudo, a monotonia do ambiente de trabalho e a autonomia do docente na elaboração de suas atividades de ensino ainda não foram relacionadas com o desenvolvimento de distúrbios de voz por esse público.

OBJETIVO:

Investigar a relação entre a monotonia e a autonomia no ambiente de trabalho com o surgimento de queixas vocais.

METODOLOGIA:

Estudo do tipo qualitativo, com realização de grupo focal, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Campinas, sob número 38810420.1.0000.5404 e parecer número 4.429.443. Foram selecionados previamente sete professores (três homens e quatro mulheres com idades e tempo de carreira docente variados) da rede municipal da cidade de Campinas, participantes de pesquisa anterior “Condições de Produção Vocal de Professores da Rede Municipal de Campinas”. Todos os participantes foram triados com distúrbio de voz e referenciam percepção de trabalho monótono.

Os participantes receberam e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), atestando conhecimento sobre as fases da pesquisa e concordando com a gravação das reuniões e análise posterior.

O grupo foi subdividido de acordo com a disponibilidade de horários dos docentes. Foram escolhidos nomes fictícios para os participantes, considerando educadores brasileiros de destaque, como mostra a tabela a seguir:

Tabela 1 – Caracterização da amostra e divisão de grupos	
Grupo 1	Grupo 2
Maria, mulher, 44 anos, professora de ensino infantil e fundamental	Jaqueline, mulher, 53 anos, professora de ensino infantil e fundamental
João, homem, 39 anos, professor de ensino fundamental I desde 2009	Yvonne, mulher, 43 anos, professora de ensino fundamental (8º e 9º ano)
Anísio, homem, 55 anos, professor de ensino fundamental há mais de 30 anos	Débora, mulher, 41 anos, coordenadora pedagógica com experiência docente
Paulo, homem, 39 anos, professor de ensino fundamental	
*Nomes fictícios para proteção da identidade dos participantes	

Para cada grupo de professores foi realizado um encontro com uma hora de duração, utilizando plataforma de reuniões virtuais gratuita. O conteúdo dos encontros foi gravado com a autorização dos participantes e transcrito, o que possibilitou uma leitura posterior do material e uma análise dos discursos, para construção das categorias de análise, que foi realizado em grupo pelas pesquisadoras em dois encontros.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Foram utilizadas perguntas disparadoras envolvendo a temática do estudo para entender a percepção dos participantes sobre a atividade docente ser ou não monótona e desenvolver ou não a autonomia:

Quadro 1 – Perguntas disparadoras	
Questões gerais	
Vamos fazer uma rodada de apresentações antes de iniciar nosso objetivo.	
Quais as semelhanças entre vocês? Por que vocês acreditam que foram escolhidos?	
Questões específicas	
O que faz vocês interpretarem o trabalho de vocês como um trabalho monótono ou não monótono?	
O que faz vocês interpretarem o trabalho de vocês como um ambiente que propicia a autonomia ou não entre os trabalhadores?	
Para vocês, essas variantes (monotonia e autonomia) têm relação com as queixas vocais? Por quê?	
Quais outros fatores podem estar relacionados às queixas vocais apresentadas?	
Após cada pergunta, todos os participantes tiveram tempo de resposta, o que desenvolveu a discussão em grupo.	

Quatro categorias de análise foram criadas com base nas falas dos participantes: trabalho, monotonia, autonomia e relação trabalho e voz, como mostra a tabela a seguir:

Quadro 2 – Categorias de análise	
Categorias	Subcategorias
Trabalho	<ul style="list-style-type: none"> • Expectativas • Frustrações • Gênero • Barreiras e facilitadores • Rotineiro e não rotineiro • Organização do trabalho
Monotonia	<ul style="list-style-type: none"> • Definições • Subjetividade
Autonomia	<ul style="list-style-type: none"> • Definições • Subjetividade • Rede municipal de ensino de Campinas • Autocrítica
Relação trabalho e voz	Não há subcategoria

Aspectos como a rotina muito repetitiva, horários fixos de entrada e saída no trabalho, sem possibilidades de alterações, temáticas repetitivas da atividade docente, além da influência da

organização do ambiente de trabalho na percepção de um trabalho monótono foram discutidas, como mostram os trechos a seguir:

“Na nossa rotina todo dia tem que estar lá às 7:00, faz o cabeçalho, a leitura do dia, todo dia tem que ter, o recreio é às 9:30, não pode ser 10:20 tem que ser às 9:30. Tem a rotina e o trabalho por vezes acaba sendo monótono.” **João**

“A monotonia também está no ambiente de trabalho, o ambiente de trabalho não muda, não vejo outras paredes e outras pessoas, não vejo outros climas, é sempre a mesma coisa.” **Paulo**

Apesar disso, os participantes consideram que possuem autonomia para criar e desenvolver ideias diferentes, tendo governabilidade, especificamente, sobre as aulas que ministra:

“Embora a gente tenha que seguir conteúdos pré-estabelecidos, que tenha um parâmetro a seguir, a gente tem autonomia pra fazer do nosso jeito, mesmo que tenha um Norte, falamos da nossa maneira, fazemos do nosso jeito e colocamos a nossa impressão. Eu acho que temos bastante autonomia. A gente tem que seguir sim os parâmetros, os conteúdos que devem ser trabalhados, mas podemos fazer da nossa maneira, acho que isso é uma autonomia.” **Maria**

“Nós temos aqui a autonomia, temos os conteúdos e objetivos a seguir, nós temos um arcabouço que delimita de certa forma nosso trabalho, mas a gente coloca o nosso tempero. Em determinados momentos você coloca um tempero a mais, você cria um tempero diferente, em outros momentos você põe só sal [risos]. Em outro momento você põe o azeite, sal, alho poró e faz uma coisa um pouco mais diferenciada.” **Anísio**

Expectativas e frustrações no trabalho, desenvolvimento de uma segunda atividade profissional e a atuação como docente no período de pandemia também foram abordadas:

“Eu estudei pra isso, então já imaginava como seria a rotina, pode ser que seja isso também. Pra mim não teve muita surpresa, eu já imaginava o que estava me esperando.” **Maria**

“Ou eu dou aula e ganho dinheiro ou vou fazer algo que eu gosto e não me dá dinheiro, mas que eu tenho uma facilidade?” **Paulo**

As considerações sobre a voz estavam relacionadas ao uso constante e por longos períodos, associado a repetições e muitas vezes a um ambiente com acústica desfavorável:

“Lá tem uma particularidade, a quadra de educação física é um ginásio, então a acústica é horrível. [...] é muito barulho, impossível de dar aula quando estamos na parte prática, a não ser que todo mundo pare e olhe pra você, com eles fazendo inclusive leitura labial para entender.” **Yvonne**

“Para mim era exaustivo buscar a atenção deles em sala de aula de forma repetida porque eu não conseguia falar, parece que a acústica é impossível e eu não conseguia falar com as crianças falando junto comigo.” **Débora**

Queixas como cansaço vocal ao final do dia, rouquidão e baixa projeção vocal foram citadas por ambos os grupos, comprovando os achados literários sobre as queixas frequentes entre os profissionais da educação.

CONCLUSÕES:

Na percepção dos participantes, a rotina repetitiva de atividades, comandos e orientações, assim como as questões ambientais da escola levam a percepção de monotonia e, no caso destes participantes, pode estar associado ao aparecimento do distúrbio de voz, já que tais fatores são comuns entre eles.

Os participantes referem que têm autonomia no desenvolvimento de suas atividades pedagógicas, sempre respeitando a coletividade do ambiente escolar e o conteúdo base que deve ser ofertado aos alunos.

BIBLIOGRAFIA

BRASIL. Ministério da Saúde. **Distúrbio de voz relacionado ao trabalho (DVRT). Protocolo de Complexidade Diferenciada**. Brasília: Ministério da Saúde; 2018.

CAPOROSI, C.; FERREIRA, L.P. **Sintomas vocais e fatores relativos ao estilo de vida em professores**. Rev. CEFAC, v. 13, n. 1, p. 132-139, Feb. 2011.

CRUZ, R.M.; LEMOS, J.C. **Atividade docente, condições de trabalho e processos de saúde**. Rev. Motrivivência, Ano XVII, n. 24, p. 59-80, Jun. 2005.

GASPARINI, S.M.; BARRETO, S.M.; ASSUNÇÃO, A.A. **O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde**. Educ. Pesqui, v. 31, n. 2, p. 189-199, 2005.

OLIVEIRA, I.B. **Desempenho vocal do professor: avaliação multidimensional**. 1999. 201 p. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 1999.

PRZYSIEZNY, P.E.; PRZYSIEZNY, L.T. **Work-related voice disorder**. Braz. J. Otorhinolaryngol. v. 81, n. 2, p. 202-211, Apr. 2015.